

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E TRANSFORMAÇÕES DO MEIO RURAL EM SÃO PAULO, BRASIL

Antonio Olivio Cerón, Miguel César Sánchez
BRASIL

Até meados século, mais da metade da população brasileira vivia na zona rural. A economia do país dependia quase exclusivamente do agrícola, produtor de alimentos e materiais primas agropecuárias destinadas a exportação e ao mercado interno. Depois da Crise Econômica de 1930 e da Segunda guerra Mundial, a economia brasileira iria passar por nova fase de crescimento associada ao esforço de industrialização e a agricultura não ficaria inteiramente alheia a essas mudanças. Os produtos agrícolas de exportação e os destinados às agroindústrias eram os únicos que reuniam as melhores condições, de curto prazo, para expansão do consumo de tecnologias agrícolas e, conseqüentemente, dos sectores industriais responsáveis pela produção desses bens. As atenções da política governamental se concentraram, portando em alguns poucos produtos como o café, soja, trigo, cana de açúcar e algodão e relegaram, um plano secundário, as culturas alimentícias básicas, como o arroz, feijão, mandioca e milho, destinada ao abastecimento interno e produzidas por pequenos e médios proprietários rurais. A onda modernizadora dois anos 60. Até meados deste século a agricultura de São Paulo se caracterizável pelo emprego mais intensivo do fator do trabalho em relação ao capital e de técnicas mais tradicionais de produção, esta foi uma fase em que, no sistemas produtivo, se destacavam o emprego da força não mecânica, tanto humana, quase sempre residente nas unidades de produção, quanto a força animal a qual contribuía, também com grande parte dos adubos empregados nas plantações. A dinamização da monocultura de cana-de-açúcar, foi fortemente amparada pelos estímulos do Programa Nacional do Alcool (PNA), criado em dezembro de 1975, cujo objetivo básico era economizar divisas gasta com a importação do petróleo. Espaços agrários que antes eram utilizados ou espaços extensivamente ocupados, foram incorporados aos sistemas mais dinâmicos de produção. As terras de cultivo foram ampliadas em torno dos 43% entre 1950 e 1980 e as pastagens plantadas, que permitem a criação do gado bovino de melhor qualidade, cresceram 120%. A maior parte dos ganhos de área foram feitos a custa de terras não utilizadas, subutilizadas ou das pastagens extensivas. A produção agrícola cresceu de modo acelerado aumentando a oferta das matérias primas para as indústrias. Cresceu, também, a produtividade da terra, principalmente para os cultivos comerciais mais valorizados. O número de cabeças de gado bovino por hectare de pastagens quase dobrou e a produção de carnes tornou-se uma das atividades mais dinâmicas na oferta de carnes e ovos para o consumo. A modernização da agricultura aumentou a dependência do setor agrícola em relação aos outros setores da economia e ampliou as relações de população rural com a urbana. Isso significou a ampliação de um importante mercado de consumo de bens industriais e de serviços urbanos. A modernização agravou, também, os problemas do desemprego e do subemprego rurais. Com nítidos reflexos nas zonas urbanas. A oferta relativa de alimentos básicos diminuiu e isso refletiu na elevação dos preços e, conseqüentemente, na inflação.